

## **A primeira pessoa do plural no falar culto de Fortaleza: uma análise em tempo real<sup>1</sup>**

***The first-person plural in the cultured speech of Fortaleza: a  
real-time analysis***

***La primera persona del plural en el habla culta de Fortaleza: un  
análisis en tiempo real***

Marden Alyson Matos de Araujo<sup>2</sup>

 0000-0002-1290-7510

Hebe Macedo de Carvalho<sup>3</sup>

 0000-0002-3192-383

**RESUMO:** Este estudo parte do arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1994, 2001, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006), e objetiva analisar, em tempo real de curta duração, a variação pronominal de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, no falar culto de Fortaleza-CE. Utilizamos uma amostra de 1990, composta por 50 informantes, e uma amostra de 2010, composta por 54 informantes, provenientes do banco de dados Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). Através do *software* R (R Core Team, 2020), por meio do ambiente *RStudio*, obtivemos um total de 4.597 observações de *nós* e *a gente* nas amostras analisadas. Em termos totais, houve um aumento significativo nas frequências e proporções da forma inovadora na amostra 2010, quando confrontada com a amostra 1990. Em termos de tendência, este estudo demonstrou um padrão geral nas duas amostras, indicando para uma certa estabilidade da variação e mudança linguística das formas pronominais *nós/ a gente* na comunidade de fala fortalezense.

**PALAVRAS-CHAVE:** pronomes *nós/ a gente*; norma culta; variação linguística.

**ABSTRACT:** The present study, starting from the methodological theoretical framework used by the Theory of Language Variation and Change (Labov, 1994, 2001, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006), aims to analyze, in short-term real-time, the first-person pronominal variation of the plural, “*nós*” and “*a gente*”, in the cultured speech of Fortaleza-CE. We used a sample from 1990, consisting of 50 informants, and a sample from 2010, consisting of 54 informants, from the database “Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e pesquisa sob o CAAE nº: 60719422.0.0000.5054

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará (UFC). mardenalyson@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará (UFC). hebe@letras.ufc.br

(PORCUFORT)". With R software (R Core Team, 2020), through the RStudio environment, we obtained a total of 4597 observations of "nós" and "a gente" in the analyzed samples. In total terms, there was a significant increase in the frequencies and proportions of the innovative form in the 2010 sample, when compared to the 1990 sample. In terms of trend, this study demonstrated a general pattern in the two samples, indicating a certain stability of variation and linguistic change of the pronominal forms nós/a gente in the Fortaleza community.

**KEYWORDS:** pronouns "nós/a gente"; cultured norm; linguistic variation.

**RESUMEN:** Este estudio se basa en la Teoría de la Variación y Cambio Lingüístico (Labov, 1994, 2001, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006) y objetiva analizar, en tiempo real de corta duración, la variación pronominal de la primera persona del plural, *nós* y *a gente*, en el habla culta de Fortaleza, Ceará. Utilizamos una muestra de 1990, compuesta por 50 informantes, y una muestra de 2010, compuesta por 54 informantes, de la base de datos del Proyecto de Descripción del Portugués Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). Por medio del software R (R Core Team, 2020), utilizando *RStudio*, obtuvimos un total de 4597 observaciones de *nós* y *a gente* en las muestras analizadas. Hubo un aumento significativo en las frecuencias y proporciones de la forma innovadora en la muestra de 2010, en comparación con la muestra de 1990. En términos de tendencia, este estudio mostró un patrón general en ambas muestras, indicando estabilidad en la variación y el cambio lingüístico de las formas pronominales *nós* y *a gente* en la comunidad de habla de Fortaleza.

**PALABRAS CLAVE:** pronombres *nós/a gente*; habla culta; variación lingüística.

## Introdução

A Sociolinguística tem como objeto de estudo as conexões entre língua e sociedade e o modo como os falares são influenciados e retratados em diferentes situações de comunicação (Sankoff, 1988). Trabalhos sob esse viés são realizados em busca de respostas sobre como o comportamento social condiciona o falar de determinada comunidade de fala. Nesses estudos, busca-se captar os efeitos de fatores linguísticos e sociais, a fim de encontrar os caminhos mais confiáveis para a análise e descrição dos fenômenos variáveis.

Dentre esses fenômenos variáveis do português está o uso intercambiável dos pronomes *nós* e *a gente* para expressar a realização da primeira pessoa do plural. Esse fenômeno já foi analisado em diversos estudos à luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006)<sup>4</sup>, conforme comprovam os estudos de Omena e Braga (1996), Seara (2000), Lopes (2003),

<sup>4</sup> Também conhecida como Sociolinguística Variacionista, Teoria laboviana, ou ainda, Teoria Variacionista.

Zilles (2005), Araujo (2016), Souza (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2022), entre outros.

Menon (1995), Omena e Braga (1996) e Lopes (2003) demonstram que o uso intercambiável das formas de primeira pessoa é decorrente de um processo de mudança pelo qual passou o substantivo *gente*, que, com a evolução da língua e os diversos efeitos que sobre ela agem, sofreu um processo de “gramaticalização” motivado por razões linguísticas e sociais.

Neste estudo, a variável de referência é a forma *a gente* em alternância com o pronome *nós*, na função de sujeito. Temos como objetivo analisar, em um estudo de tempo real de curta duração, os efeitos da variável linguística *grau de referencialidade do pronome* e da variável social *faixa etária*, sobre a realização variável desses pronomes. Adotamos como base de dados amostras do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (doravante, PORCUFORT) (Araújo; Viana; Pereira, 2018), em duas amostras distintas: Amostra 1990 (Fase I) e Amostra 2010 (Fase II)<sup>5</sup>. Os *tokens* seguintes, coletados da base de dados em estudo, ilustram as variantes adotadas para efeito de análise de dados:

- (1) isso é puro folclore tá? simplesmente *a gente* diz que *nós* trabalhamos um lado só do cérebro o lado direito (Inq. 21 – DID, PORCUFORT I).
- (2) a diretora manda chamar a professora da sala vizinha porque *a gente* tava só... aí depois do outro dia *nós* ficamos TUdo com ela (Inq. 45 – D2, PORCUFORT II).<sup>6</sup>

Este estudo adota a metodologia de pesquisa em tempo real de curta duração em tendência (Labov, 1994, 2008) ao comparar amostras da fala fortalezense em sincronias das décadas de 1990 do século XX e de 2010 do século XXI.

Para a análise estatística, foi empregada a linguagem de programação R, por meio de ambiente *RStudio* (R Core Team, 2020), de modo a fornecer frequências e proporções gerais das variantes, além dos resultados em análise de regressão

---

<sup>5</sup> De acordo com Araújo, Viana e Pereira (2018), os inquéritos que constituem o PORCUFORT Fase I (anos 1990) foram gravados entre os anos de 1993 e 1996; já os inquéritos do PORCUFORT Fase II (anos 2010) foram registrados entre 2018 e 2021.

<sup>6</sup> A grafia utilizada está idêntica ao original no banco de dados, levando em consideração as ênfases ou variedades.

logística, em função da variável resposta que, neste estudo, é binária, ou seja, comporta duas variantes: *a gente* e *nós*.

## Teoria da Variação e Mudança Linguística

Contra-pondo-se a visão estruturalista difundida por Saussure (2002) de que a língua deveria ser tratada como um sistema homogêneo, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística defende que a língua é um sistema heterogêneo, destacando a comunidade de fala e a língua em situações reais de uso como objeto de estudo.

Os princípios que norteiam essa teoria pressupõem a existência de um processo de variação linguística que é inerente ao próprio sistema linguístico, além de ocorrer de forma ordenada, conforme explica Camacho (2016, p. 464): “essa variabilidade inerente não é aleatória nem casual, pois mantém uma correlação sistemática e regular com fatores linguísticos e sociais”.

Os pressupostos básicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística adotados, neste estudo, são:

- a) a língua é compreendida como um sistema heterogêneo e ordenado;
- b) a variação linguística é inerente ao sistema da língua;
- c) os falantes possuem competência linguística para comportar a heterogeneidade do sistema;
- d) todos os falantes apresentam variação, seja ela de cunho fonológico, morfológico, sintático ou semântico, pois não existem falantes de estilo único;
- e) fatores linguísticos e sociais exercem influência sobre a realização da variação; nem toda variação corresponde a mudança linguística, mas toda mudança pressupõe variação (Coelho *et al.*, 2015).

Partindo desses pressupostos, Labov (2008), o precursor desta teoria, propõe que as investigações linguísticas sejam feitas a partir de dois parâmetros: a pesquisa em *tempo aparente*, ou seja, um estudo realizado a partir de um recorte temporal em que se analisa a amostra de uma sincronia; e a pesquisa em *tempo real*, isto é, a análise de duas sincronias diferentes no intervalo de tempo equivalente

a uma geração (Paiva; Duarte, 2004). Os estudos em tempo real, ainda, podem ser realizados com base em dois modelos metodológicos: *os estudos em tendência* e *os estudos em painel*.

O *estudo de tempo real em tendência* [*trend study*] (de curta ou longa duração), permite a observação de aspectos não detectados pelo estudo de tempo aparente, pode fornecer estágios de mudança da comunidade de fala, a propagação e estabilização da mudança em progresso das variantes nas sincronias em estudo. O pesquisador deve analisar amostras de duas décadas distintas da mesma comunidade de fala, com informantes diferentes, mas que tenham a mesma estratificação social nas duas amostras. O controle e o confronto entre sincronias distintas, baseadas em amostras representativas, permitem observar as mudanças ocorridas no sistema linguístico ao longo do tempo.

Já nas *pesquisas em painel*, o pesquisador precisa “entrevistar os mesmos informantes para proceder a uma análise comparativa dos dados” (Coelho *et al.*, 2015, p. 128), tarefa demasiadamente difícil, tendo em vista a dificuldade de se contatar os mesmos informantes após intervalos de tempo relativamente longos.

Do ponto de vista da variação na comunidade de fala (*trend study*), o estudo em tela busca elementos para descrever a tendência, a propagação, a trajetória estrutural da variação e mudança linguística das formas de primeira pessoa do plural. Ainda que o intervalo de tempo entre as duas amostras seja curto, é possível fazer “o rastreamento do processo histórico de mudança em diferentes épocas da língua, valendo-se o pesquisador de amostras orais” (Tavares, 2011, p. 397).

## Metodologia

A base de dados deste estudo é composta por entrevistas de 104 informantes, sendo 50 da Amostra 1990 (PORCUFORT - Fase I) e 54 da Amostra 2010 (PORCUFORT - Fase II) distribuídos de acordo com: *sexo/gênero* (masculino/feminino), *faixa etária* (I - 22 a 35 anos; II - 36 a 50 anos; III – acima de 50 anos) e *tipo de inquérito* (D2 - Diálogo entre dois informantes; DID - Diálogo entre informante e documentado; e EF - Elocuções formais). De modo a ter uma visualização

completa da distribuição da nossa amostra, segue o Quadro 1:

**Quadro 1** – Distribuição dos informantes em nossa amostra

	PORCUFORT Fase I (1990)						PORCUFORT Fase II (2010)					
	Sexo						Sexo					
	Masculino			Feminino			Masculino			Feminino		
Tipo de Registro → Faixa etária ↓	D2	DID	EF	D2	DID	EF	D2	DID	EF	D2	DID	EF
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
II (36 a 50 anos)	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3
III (a partir de 51 anos)	3	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	3
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>
<b>Total geral</b>	<b>50</b>						<b>54</b>					
	<b>104</b>											

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados obtidos a partir das amostras analisadas foram codificados e submetidos a análises estatísticas através da interface *RStudio*, para que fosse possível gerar frequências e proporções de uso das formas variantes, bem como realizar testes de qui-quadrado e análise de regressão logística.

As pesquisas que tomam por base a Sociolinguística Variacionista usam o termo variável dependente<sup>7</sup> para expressar o lugar na língua onde ocorre a variação. No entanto, em análises utilizando o programa *RStudio*, o termo variável dependente é comumente chamado de *variável resposta*, motivo pelo qual adotaremos esse termo.

A variável resposta deste estudo é a realização da primeira pessoa do plural, que comporta duas variantes: *nós* e *a gente*. Assim, tendo em vista os resultados de outras pesquisas, nossa hipótese é que o uso da forma pronominal *a gente* é mais recorrente nas amostras de fala culta de Fortaleza do que o uso do pronome *nós*. O termo culto, adotado no Projeto PORCUFORT, compreende a fala de indivíduos com nível superior completo, economicamente privilegiados, moradores da zona urbana (Araújo; Viana; Pereira, 2018).

Para este estudo, controlamos as seguintes variáveis previsoras, variáveis de

<sup>7</sup> Para Mollica e Braga (2012), o uso do termo 'dependente' se dá pelo fato das formas variantes não ocorrerem aleatoriamente, mas sim sistematicamente, por influência de outras variáveis (de ordem linguística ou extralinguística) que condicionam a escolha de determinada variante.

ordem linguística e extralinguística: *grau de referencialidade do pronome e faixa etária*. As ocorrências, abaixo, ilustram cada fator das variáveis previsoras:

**a) Grau de referencialidade do pronome**

- *Referente Genérico* – o pronome (*nós/a gente*) realiza uma retomada circunscrita a um grupo ou com indeterminação universal (Lopes, 2003).

(3) eh... *a gente* professor de Educação... oh... técnico de E/ de basquetebol somos educador né? (Inq. 34 – D2, PORCUFORT I).

(4) ... *nós* não devemos falar mal das leis brasileiras... que... que elas sejam baseada em estudo científico (Inq. 17 – EF, PORCUFORT I).

- *Referente Específico* – o pronome (*nós/a gente*) retoma eu + tu/você ou ele(s) especificado no contexto de fala (Lopes, 2003).

(5) eu e minha outra irmã a que é advogada é *a gente* não pensava assim eu ir pra fora morar fora (Inq. 16 – DID, PORCUFORT II).

(6) eu fui com ele o marido *nós* temos cinco anos de relacionamento ele foi/ eu fui aprendendo a gostar (Inq. 04 – DID, PORCUFORT II).

**b) Faixa etária**

- Faixa I – 22 a 35 anos;
- Faixa II – 36 a 50 anos;
- Faixa III – acima de 50 anos.

Dadas as variáveis deste estudo, apresentamos, a seguir, o resultado dos testes estatísticos realizados em termos de estatística básica. Mais à frente, trataremos dos dados em termos de estatística inferencial, por meio de um modelo de regressão logística.

## **Análise e descrição dos dados**

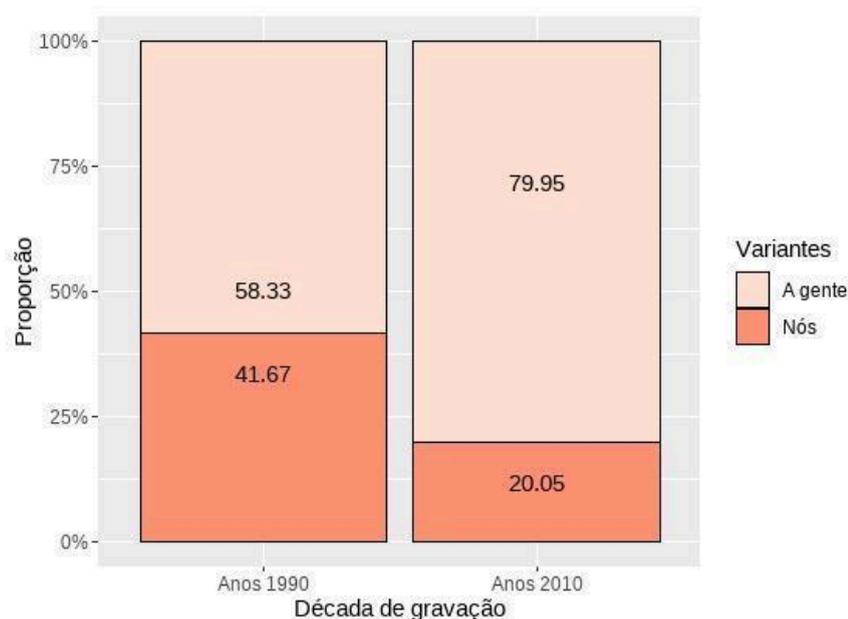
Para o processamento dos dados linguísticos, foi adotada a linguagem de

programação R (R Core Team, 2020), por meio do *software RStudio*, para quantificar e testar o efeito das variáveis previsoras sobre a variável resposta (*a gente* e *nós*), plotar gráficos e realizar testes estatísticos e de regressão logística.

O estudo em questão compara as estatísticas referentes à comunidade através de duas amostras, Amostra 1990 (PORCUFORT – Fase I) e Amostra 2010 (PORCUFORT – Fase II). As análises estatísticas dos pronomes sujeitos *a gente* vs. *nós* em função das variáveis previsoras foram realizadas separadamente para cada uma das décadas.

Em termos totais, foram contabilizadas 4.597 observações de *a gente* e *nós* na base de dados pesquisada, sendo 1.945 ocorrências na Amostra 1990, e 2.618 ocorrências na Amostra 2010. O gráfico 1 indica as proporções de uso de *a gente* e *nós* em cada uma das décadas analisadas:

**Gráfico 1** – Resultado da proporção de uso de *a gente* e *nós* nas duas décadas



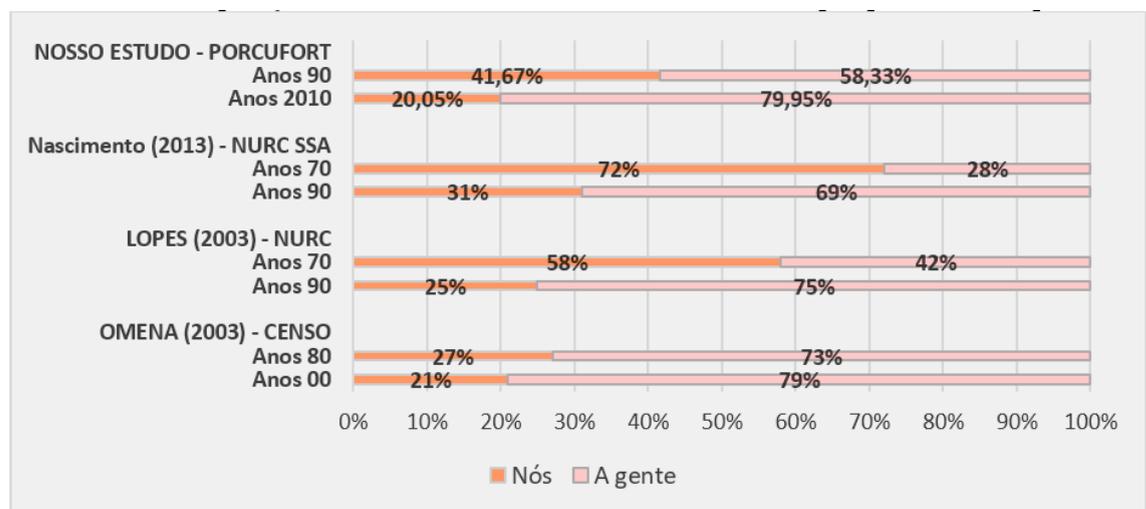
**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Conforme exposto no Gráfico 1, o pronome *a gente* é mais produtivo que *nós*. Na Amostra 1990, foram identificados 58,33% de *a gente* (1.141 obs.) e 41,67% do pronome *nós* (815 obs.). No que se refere à Amostra 2010, foram observadas

79,95% das ocorrências de *a gente* (2.093 obs.), um aumento significativo comparado à década anterior, e apenas 20,05% de *nós* (525 obs.).

A maior proporção para a forma inovadora *a gente* em detrimento do pronome *nós* confirma uma tendência de uso já apontada por outros estudos com dados em tempo real de curta duração, como os de Omena (2003), Lopes (2003) e Nascimento (2013). A esse respeito, vejamos o Gráfico 2:

**Gráfico 2** – Comparação do resultado de nosso estudo com outras pesquisas em tempo real



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao compararmos os resultados deste estudo com os resultados do Rio de Janeiro (Omena, 2003; Lopes, 2003) e de Salvador (Nascimento, 2013), observamos que a flutuação entre *nós* e *a gente* permanece nessas Amostras compostas por informantes graduados e do Ensino Médio (Amostra Censo). Essa tendência demonstra a implementação e a franca expansão da variante *a gente* no português brasileiro.

Com o objetivo de investigar os contextos estatisticamente significativos para o uso do pronome *a gente*, aplicamos testes de qui-quadrado a cada variável previsora deste estudo. O teste de qui-quadrado ajuda a inferir se existe algum tipo de associação entre a variável previsora e a variável resposta e, para isso, o teste

“compara valores observados com valores esperados de acordo com a hipótese” (Oushiro, 2021, p. 192). Para Gries (2013), a diferença entre os valores esperados e os valores observados gera um valor residual, e é a partir da soma desses valores residuais que se dá o valor do  $\chi^2$ . Com isso, quanto mais distante do 0 (zero) for o resultado do teste, maior a probabilidade de a variável previsora exercer influência sobre a realização da variável resposta.

A variável *faixa etária* foi a primeira submetida aos testes estatísticos. A seguir, a Tabela 1 apresenta as frequências e as proporções de uso dos pronomes de primeira pessoa do plural, distribuídas em função da faixa etária dos informantes e da década de gravação:

**Tabela 1** – Proporção dos pronomes por *faixa etária* em 1990 e 2010

Faixa Etária	Anos 1990 (N = 1956)				Anos 2010 (N = 2618)			
	Nós	%	A gente	%	Nós	%	A gente	%
22 a 35 anos	268	36,1%	475	63,9%	77	11,5%	591	88,5%
36 a 50 anos	234	33,4%	466	66,6%	116	13,6%	739	86,4%
51 anos ou mais	313	61%	200	39%	332	30,3%	763	69,7%
<b><math>\chi^2 (2) = 108.12, p &lt; 0,001</math></b>				<b><math>\chi^2 (2) = 124.71, p &lt; 0,001</math></b>				

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme observado, na década mais antiga, há maior proporção de uso de *a gente* entre os informantes de faixa etária de 36 a 50 anos (66,6%), seguidos dos mais jovens de 22 a 35 anos (63,9%). Os informantes de maior faixa etária, acima de 50 anos, utilizam mais o pronome *nós* (61%) do que *a gente* (39%), sendo a única faixa etária pesquisada a apresentar maior uso para o pronome canônico.

Como prevíamos, o pronome *a gente* é mais frequente em todas as faixas etárias representativas da década de 2010, em maior proporção entre os mais jovens (22 a 35 anos), com 88,5% das ocorrências, e em menor proporção entre os mais velhos (a partir de 51 anos), com 69,7% do total de observações. Para a variável *faixa etária*, o teste de qui-quadrado chegou ao resultado de 108.12, com dois graus de liberdade<sup>8</sup>, na Amostra dos anos 1990, e 124.71, na Amostra de 2010, também com dois graus de liberdade. Além disso, o valor de  $p < 0,001$  nas duas

<sup>8</sup> Graus de liberdade se referem ao número de “células de que você precisa, junto com os valores totais de linhas e colunas, para conseguir deduzir os demais valores” (Oushiro, 2021, p. 194).

Amostras indica que, em ambas as décadas, a distribuição dessa variável não é aleatória, pois o valor de significância aponta interação<sup>9</sup> entre essa variável e a variável resposta.

A variável *grau de referencialidade do pronome* foi a segunda controlada neste estudo. Essa variável se mostrou significativa em vários estudos sobre a variação *nós/a gente* (Araujo, 2016; Souza, 2020; Tamanine, 2010). Os resultados das frequências e das proporções de uso nas Amostras de 1990 e de 2010, bem como os valores de qui-quadrado, estão dispostos na Tabela 2.

**Tabela 2** – Proporção do grau de referencialidade do pronome: Amostras de 1990 (Fase I) e 2010 (Fase II)

Referencialidade	Anos 1990 (N = 1956)				Anos 2010 (N = 2618)			
	Nós	%	A gente	%	Nós	%	A gente	%
Genérica	339	28,7%	841	71,3%	225	15,6%	1127	83,4%
Específica	476	61,3%	300	38,7%	300	23,7%	966	76,3%
$\chi^2 (1) = 203.5, p < 0,001$				$\chi^2 (1) = 19.858, p < 0,001$				

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados das Amostras de 1990 e 2010 em relação *ao grau de referencialidade do pronome* (Tabela 2) indicam:

- nos anos 1990, o uso da forma *nós* com 28,7% para a referência genérica, e 61,3% para a referência específica, mantendo sua função de referência prototípica;
- ainda nos anos 1990, a forma *a gente* mostrou-se associada à referência genérica (71,3%), mantendo resquícios de sua forma substantiva *gente*, remetendo à ideia de coletividade, indeterminação (Lopes, 2003);
- já na Amostra de 2010, em termos de tendência, o pronome *nós* mantém a maior proporção de uso associada à referência específica, com 23,7% das observações;
- também na segunda Amostra, o *a gente* apresenta proporção de 83,4% para referência genérica, e 76,3% para referência específica, expandido seu uso para a referência específica;
- o uso de *a gente* em sentido específico, em 1990 e 2010 (Tabela 2),

<sup>9</sup> Em pesquisas sociolinguísticas, o valor de referência para determinar interação significativa entre as variáveis é  $p < 0,5$ .

apresentou um aumento expressivo (de 38,7% na Amostra 1990, para 76,3%, na Amostra 2010), indicando que a forma inovadora se implementou nos diversos contextos, especialmente nos da referência específica.

Na Amostra de 1990, o teste de qui-quadrado aplicado resultou em um valor de 203.5, com um grau de liberdade e  $p < 0,001$ . Já na década de 2010, o qui-quadrado apresentou valor de  $\chi^2 = 19.858$  também com um grau de liberdade e  $p < 0,001$ . Destacamos que o valor  $p$  menor que 0,001 demonstra que a variável *grau de referencialidade do pronome* parece influenciar a realização da primeira pessoa do plural, indicando que essa variável deve ser incluída no modelo de regressão.

Com o auxílio da interface *RStudio*, elaboramos um modelo de regressão logística para testar atuação das seguintes variáveis predictoras sobre a variável resposta: *sexo/gênero*, *faixa etária*, *grau de referencialidade do pronome* e *tempo verbal*. Apresentaremos a seguir a tabela com os resultados do modelo completo. No entanto, neste estudo, focaremos apenas na atuação das variáveis *grau de referencialidade do pronome* e *faixa etária*.

O resultado do modelo de regressão logística gerou um valor de *intercept*. Freitas, Rodrigues e Santos (2022) explicam que o valor de *intercept* se refere à probabilidade de uso do segundo nível da variável resposta em relação ao primeiro nível de cada variável predictor. Em nosso modelo, o valor de *intercept* corresponde à estimativa de uso da forma *a gente* (segundo nível da variável resposta) nos seguintes contextos (primeiro nível de cada variável predictor): (1) mulher, (2) 22 a 35 anos, (3) pronome no sentido genérico e (4) presente do indicativo. O resultado da Amostra dos anos 90 está discriminado na Tabela 3.

**Tabela 3** – Resultados do modelo de regressão logística Amostra 1990 (N = 1.956)

Coefficients	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )	
(Intercept)	1.2542	0.1253	10.008	< 2e-16	***
<b>Sexo/gênero</b>					
Homem	-0.3681	0.1086	-3.389	0.000701	***
<b>Faixa etária</b>					
36 a 50 anos	0.1420	0.1253	1.134	0.256968	

A partir de 50 anos	-1.2549	0.1333	-9.441	<2e-16	***
<b>Referencialidade</b>					
Específica	-1.4948	0.1097	-13.629	<2e-16	***
<b>Tempo verbal</b>					
Pretérito perfeito	-0.2000	0.1477	-1.354	0.175701	
Pretérito imperfeito	1.0056	0.1628	6.177	6.53e-10	***
Futuro do indicativo	-0.1825	0.1970	-0.927	0.354102	
Subjuntivo	0.8746	0.316	2.763	0.005731	**
Futuro do pretérito	0.4069	0.4230	0.962	0.336104	
Formas nominais	1.6718	0.2856	5.854	4.78e-09	***

**Modelo: glm(VR ~ GENERO + FAIXA + REFERENCIALIDADE + TEMPO.VERBAL)**

Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Fonte: Elaborado pelos autores.

As estimativas expostas na Tabela 3 estão apresentadas em *logodds* (*log-odds-ratio*). Para Oushiro (2021), os *logodds* são uma escala de estatística inferencial em que “os valores positivos indicam tendência a favorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora); e valores negativos indicam tendência a desfavorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora)” (Oushiro, 2021, p. 325).

Para atribuir uma estimativa a um fator de uma variável, é necessário ainda que o valor da estimativa de determinado fator seja somado ao valor de *intercept* do modelo. Para mensurar o valor da estimativa de uso de *a gente* (Tabela 3) entre informantes com faixa etária a partir de 51 anos, somamos o valor de estimativa desse fator (-1.2549 - cf. Tabela 3) ao valor do *intercept* (1.2542). O resultado dessa soma é de -0,0007, indicando que, em relação ao *intercept* (valor de referência para os informantes de 22 a 35 anos), os falantes a partir de 51 anos, mais velhos da Amostra, tendem a desfavorecer o uso de *a gente*, já que o valor de estimativa para este fator é menor que zero, além de ser menor que o do *intercept* (1.2542).

Dito isso, em relação à variável *grau de referencialidade do pronome*, os dados da tabela 3 demonstram que a forma inovadora *a gente* é favorecida quando o referente é genérico, com estimativa de uso de 1.2542, e fortemente desfavorecida quando usada em sentido específico, com estimativa de -0.2406, conforme prevíamos. Esses resultados seguem a tendência atestada em outros estudos (Araujo, 2016; Freitas; Rodrigues; Santos, 2022; Lopes, 2003; Nascimento, 2013;

Silva, 2020).

Nossa hipótese era a de que o pronome inovador *a gente* seria favorecido quando empregado em sentido mais genérico, indeterminado, já que, de acordo com o princípio da persistência de Hopper, em um item que passou por um processo de gramaticalização (caso do pronome *a gente*), “alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical” (Hopper, 1991, p. 124). É importante ressaltar que o traço semântico de indeterminação pode explicar certas restrições que a forma gramaticalizada *a gente* sofre, conforme explicam Omena e Braga (1996, p. 80)

No caso do uso de *a gente* a persistência do traço indeterminador provoca certas restrições em seu uso. Enquanto o pronome *nós* admite ser modificado por quantificadores, numerais, especificadores enfim, o mesmo não se dá com a forma *a gente*. *Todo, cada um, nenhum* podem modificar *nós*; mas não *a gente*.

Cabe aqui ponderar, no entanto, que várias pesquisas atestam que esse traço intrínseco de indeterminação do pronome *a gente* está em processo de mudança linguística, uma vez que a forma *a gente* está cada vez mais sendo empregada em sentido específico (Araujo, 2016; Carvalho; Freitas; Favacho, 2020; Omena, 2003; Souza, 2020; Tamanine, 2010; Zilles, 2005).

Com o objetivo de analisar as possíveis mudanças ocorridas na fala culta de Fortaleza ao longo de 20 anos, realizamos análise de regressão logística com os dados da Amostra PORCUFORT Fase II, gravada a partir da década de 2010:

**Tabela 4** – Resultados do modelo de regressão logística Amostra 2010 (N = 2.618)

Coefficients	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )	
(Intercept)	2.15717	0.14251	15.137	< 2e-16	***
<b>Sexo/gênero</b>					
Homem	0.06858	0.10655	0.644	0.51983	
<b>Faixa etária</b>					
36 a 50 anos	-0.43201	0.16137	-2.677	0.00742	**
A partir de 50 anos	-1.38276	0.14395	-9.606	< 2e-16	***
<b>Referencialidade</b>					
Específica	-0.65046	0.12198	-5.333	9.67e-08	***
<b>Tempo verbal</b>					

Pretérito perfeito	0.05018	0.14354	0.350	0.72665	
Pretérito imperfeito	1.62295	0.17628	9.206	< 2e-16	***
Futuro do indicativo	-0.57805	0.18717	-3.088	0.00201	**
Subjuntivo	0.80000	0.48522	1.649	0.09920	.
Futuro do pretérito	0.98216	1.06880	0.919	0.35913	
Formas nominais	1.80512	0.37847	4.770	1.85e-06	***

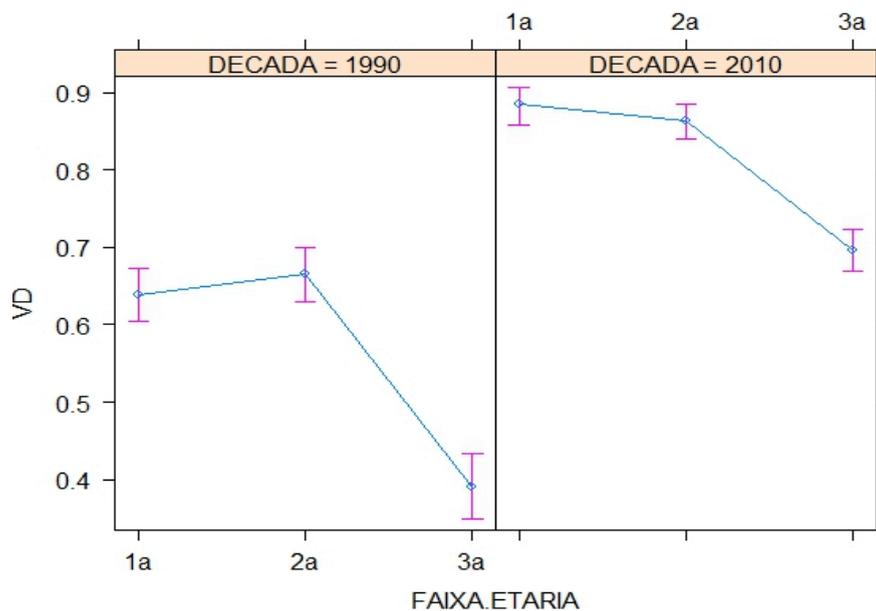
**Modelo: glm(VR ~ GENERO + FAIXA + REFERENCIALIDADE + T.VERBAL)**

Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à variável *faixa etária*, todas as faixas representativas da Amostra de 2010 favorecem o emprego do pronome *a gente*, em maior grau entre os mais jovens (22 a 35 anos) (2.15717 e  $p < 2e-16$ ), e em menor grau entre os informantes a partir de 51 anos (0,7741 e  $p < 2e-16$ ), perpassando pelos informantes de faixa de 36 a 50 anos (1.72516 e  $p = 0.00742$ ). Já na Amostra do PORCUFORT Fase I, Amostra 1990 (cf. Tabela 3), o pronome *nós* apresenta maior proporção de uso entre os mais velhos (a partir de 51 anos). Esses resultados estão dispostos no gráfico 3.

**Gráfico 3** – Distribuição de *a gente* por faixa etária na fala de Fortaleza: 1990 e 2010



Fonte: Elaborado pelos autores

A comparação em tempo real de curta duração (Amostra 1990 e Amostra

2010 - Gráfico 3) apontou uma tendência para maior uso da forma inovadora entre os falantes da primeira faixa etária (22 - 35 anos), por outro lado, entre os informantes da terceira faixa etária (a partir de 51 anos), há uma queda significativa do uso de *a gente*. Para Labov (2001), as diferenças linguísticas sincrônicas de uma comunidade de fala refletem desenvolvimentos diacrônicos da língua, ou seja, em tempo real. Dessa forma, é importante buscar tendências que se repetem na mesma comunidade de fala, em amostras com intervalo de tempo distinto, para revelar possíveis estágios de mudança linguística. Sobre essa questão, são pertinentes as palavras de Tavares (2011, p. 397)

O quadro de inter-relações linguísticas delineado hoje é reflexo dos usos anteriores dados à língua por seus falantes e é a base dos usos futuros, em um contínuo de pequenos incrementos inovadores levando a grandes mudanças. Sendo assim, os indícios de mudança linguística podem ser buscados em estudos que envolvem dados de tempo real.

Utilizando-se dessa ótica sobre nosso estudo, o que se observa no gráfico 3 é um padrão de uso do pronome inovador na fala culta de Fortaleza, ou seja, em ambas as amostras e nas três faixas etárias, houve um aumento significativo nas proporções de uso do pronome *a gente*, maior entre os mais jovens (22 a 35 anos) e menor entre os mais velhos (acima de 50 anos). Ao comparar a fala fortalezense em duas décadas de gravação e as faixas etárias, é possível constatar que na década mais atual o pronome inovador *a gente* é expressivamente mais utilizado que o pronome canônico *nós*, se compararmos com a década mais antiga em todas as faixas etárias controladas. Essa constatação também foi feita por Lopes (2003), quando observou, em um estudo em tempo real, que os falantes da década de 1990 empregavam o pronome *a gente* com mais frequência que os da década de 1970, revelando que o uso de *a gente* se torna mais evidente de uma década para outra.

A implementação de *a gente* em duas décadas sugere que a expansão do pronome inovador está acelerada na comunidade de fala de Fortaleza. No entanto, consideramos importante correlacionar esses resultados a estudos de percepção, crença, avaliação linguística em que o *a gente* é considerado informal e o *nós* goza de prestígio, formalidade e de uso preferencial da escrita mais monitorada

(Carvalho; Freitas; Favacho, 2020; Vitória, 2015). Nesse sentido, a mudança linguística de *nós* por *a gente* pode não se completar facilmente por questões normativas ou por pressões que estão além dos fatores controlados nesta pesquisa. Consideramos importante a realização de estudos que atestem o uso dessas variantes em contextos ainda mais formais, como texto escrito, com o objetivo de compreender como a norma gramatical<sup>10</sup> age sobre a realização dos pronomes.

Em relação à variável *grau de referencialidade do pronome*, o resultado da regressão logística, com os dados de 2010, nos mostra que o pronome *a gente* é favorecido nos dois contextos de uso (genérico e específico), de forma mais expressiva quando no sentido genérico (2.15717 e  $p < 2e-16$ ), corroborando a análise descritiva, em termos de proporção.

Os resultados desta pesquisa demonstram que o traço de indeterminação do pronome *a gente* apresenta indícios de processo de mudança, sendo cada vez mais utilizado com referência específica, tendência atestada em outros estudos (Omena, 2003; Zilles, 2005).

## Considerações finais

A partir da análise das ocorrências, obtivemos dados importantes sobre a natureza social presente na linguagem do dia a dia e que atuam diretamente sobre o fenômeno linguístico foco deste estudo, *variação nós e a gente*.

Em termos totais, houve um aumento significativo nas frequências e proporções da forma inovadora na amostra 2010, quando confrontada com a amostra 1990. Ao comparar o desempenho dos falantes, no curto intervalo de tempo pesquisado, a tendência de uso da forma *a gente* se mantém: há preferência pelo pronome *a gente* em ambas as amostras.

Um dado importante a destacar nos resultados obtidos nesta pesquisa é o fato de os informantes com mais de 50 anos, na amostra 1990, terem preferido o uso de *nós* em vez de *a gente*, sendo a única faixa etária pesquisada a apresentar esse comportamento linguístico. Em relação à amostra de 2010, no entanto, os

---

<sup>10</sup> Consideramos, aqui, como *norma gramatical*, a norma gramatical brasileira representada pelas gramáticas normativas ensinadas nas escolas.

informantes mais velhos (a partir de 51 anos) demonstraram mudança em seu comportamento, uma vez que deixaram de preferir o uso de *nós* e passaram a assumir o uso do *a gente*.

A implementação de *a gente* se expandiu em todas as faixas etárias, inclusive entre os mais velhos. Essa expansão se mostrou também na variável *grau de referencialidade do pronome*: o uso do *a gente* com referência específica aumentou se compararmos o resultado das duas amostras, indicando que a forma inovadora se implementou e se expandiu em contextos em que o referente é específico.

Embora tenhamos uma amostra limitada, em um intervalo de tempo considerado curto, em termos de tendência, este estudo demonstrou um padrão geral nas duas amostras (cf. Gráfico 3), indicando para uma certa estabilidade da variação e mudança linguística das formas pronominais *nós/ a gente* na comunidade de fala fortalezense.

## AGRADECIMENTOS

O presente estudo foi realizado com o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

## Referências

ARAUJO, A. A.; VIANA, R. B. M.; PEREIRA, L. S. P. O projeto descrição do português oral culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. *Sociodialeto*, Campo Grande, v. 8, n. 24, p.174-198, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51933>. Acesso em: 10 fev. 2024.

ARAUJO, M. A. M. *Será que a gente usa mais o nós?*: uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2013/07/Fotografias-sociolingu%C3%ADsticas-do-falar-de-Fortaleza-CE.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CAMACHO, R. G. A relevância social da sociolinguística: o efeito de escolaridade na marcação de número. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 58.3, p. 461-479, set./dez. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647219>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CARVALHO, H. M.; FREITAS, M. L.; FAVACHO, L. L. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de Fortaleza em cena. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/29213>. Acesso em: 10 fev. 2024.

COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAS, M. L.; RODRIGUES, L. S.; SANTOS, H. L. G. A variação nós e a gente em fortaleza na segunda década dos anos 2000: fatores linguísticos. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 161-179, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2022.v24n1a48378>

GRIES, S. Th. *Statistics for linguistics with R: a practical introduction*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.). *A approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1, p. 17-37.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, Maria M. P. e , Caroline R. Cardoso Scherre. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: Blackwell, 2001. v. 2.

LOPES, C. R. S. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Barcelona: Iberoamericana, 2003.

MENON, O. P. A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA, 2., 1995, Maceió. *Anais [...]*. Maceió: UFAL, 1995. p. 397-403.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012.

NASCIMENTO, C. S. *Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas*. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27654>. Acesso em: 10 fev.



2024.

OMENA, N. P. A. Referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. *In*: PAIVA, M. C.; DUARTE, E. L. (org.). *Mudança em tempo real*. Rio de Janeiro: Capa Livraria, 2003. p. 63-80.

OMENA, N. P. A.; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando?. *In*: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OUSHIRO, L. *Introdução a estatística para linguistas*. [Campinas]: Zenodo, 2021. Disponível em: <https://zenodo.org/records/4603885>. Acesso em: 10 fev. 2024.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 179-190.

R CORE TEAM. R: a language and environment for statistical computing. *The R Development Core Team*, Vienna, 2020. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. *In*: NEWMeyer, F. J. (ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. v. 4.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2000. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30203>

SILVA, F. J. A. *A variação pronominal nós e a gente na fala de Fortaleza*. 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53668>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SOUZA, M. H. M. *A variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL*. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/378>. Acesso em: 10 fev. 2024.

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba*. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em:

<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24120/TeseAndreaTamanine.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 out. 2021.

TAVARES, M. A. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análises em tempo aparente. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 55, n. 2, p. 393-421, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1981-57942011000200003>

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 128-143, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/LL62-v31n2a2015-7>

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in brazilian portuguese. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394505050027>

*Recebido em: 23 out. 2023*  
*Aprovado em: 13 fev. 2024.*  
*Publicado em: 30 jun. 2024.*

*Revisora de língua portuguesa: Franciela Zamariam*  
*Revisor de língua inglesa: Juliano Brambilla Neri*  
*Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto*

